

GAZETA POPULAR DA SAÚDE

Vila C

Leticia Acosta Porto / Ecomuseu de Itaipu



O começo de tudo

Uma matéria especial com entrevistas com moradores contando sobre o começo da Vila C, suas lembranças da época de construção de Itaipu e como o desenvolvimento de Foz do Iguaçu mudou a realidade do bairro.

Página 4.

Faça parte da Gazeta!

Conheça nosso projeto, e como a participação da comunidade é fundamental para nós.

Página 2

Unidades de saúde antigamente

Conheça a história do Madeirão e do Madeirinha, “hospitais” que ficavam nas vilas A e C.

Página 3

Gazeta Popular da Saúde



Você conhece Joana D'Arc?

Não estamos falando da personagem histórica francesa, mas da Agente Comunitária de Saúde. Ela contou para a Gazeta um pouco sobre a sua história, que está profundamente ligada com a Vila C.

Página 8

Reprodução livre / Freepik

Vila C até o fim!

O orgulho e carinho dos moradores com o bairro que, mesmo após mais de quatro décadas, continua calmo e acolhedor.

Página 6

Comida em transformação

Os hábitos alimentares dos moradores da Vila C mudaram, mas muitos ainda lembram as comidas típicas de suas origens.

Página 7



CHEGAMOS!

A Gazeta Popular da Saúde é um jornal comunitário do bairro Vila C, Foz do Iguaçu-PR, produzido por quem mora e trabalha nele, com apoio de estudantes dos cursos de Saúde Coletiva e Medicina e professores/técnicos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, fruto das aulas de Comunicação e Educação em Saúde e de um projeto de extensão iniciado no ano de 2023, com apoio financeiro da PROEX/UNILA e divulgação eletrônica da SECOM/UNILA.

O objetivo é tornar a Gazeta acessível a toda a comunidade iguaçuense, principalmente aos moradores da Vila C, e mostrar para aqueles que frequentam os espaços da Unila como é a história e o cotidiano do bairro, somando os conhecimentos de comunicação aprendidos, aproximando moradores e profissionais de saúde, da educação entre outros, pesquisadores, estudantes e comunidade de forma humana e inclusiva.

Procuramos temáticas de interesse do público “vilacezense”, muitas vezes ignoradas pela mídia tradicional, para construir um jornal de base popular, que realmente mostre as necessidades de seu grupo e busque apresentar fatos, curiosidades, informações sobre saúde na sua forma mais ampla de ser.

A 1ª edição foi construída para falar das origens do bairro, com o apoio da disciplina Práticas Interdisciplinares III, do curso de Saúde

Coletiva, para apresentação do projeto aos moradores e início das primeiras entrevistas.

A partir da 2ª edição o jornal estará dividido em editoriais: 1. Fala, ACS!, 2. A voz do bairro, 3. Unila na Vila, 4. Saúde que cola na escola, 5. Profissão: Saúde, 6. Você sabia? e 7. Aconte-C! Todos abordando temas relacionados à história, serviços de saúde, alimentação, qualidade de vida, saúde mental, bem-estar, promoção da saúde, problemas e melhorias no bairro, educação sexual, doenças crônicas, além de literatura, música, arte que também fazem saúde, entre outros, de leitura fácil e agradável.

Com a Gazeta, esperamos informar com qualidade, aproximar a comunidade e a universidade e, principalmente, convidar nossos leitores à reflexão sobre esses temas e a participar da construção do jornal enviando sugestões de matérias relacionadas à saúde.

Boa leitura!

Expediente:

Professora responsável: Erika Marafon Rodrigues Ciacchi

Editor: Andrea Ciacchi

Diagramação: Ozires Kelvin Guimarães Vieira

Colaboração: Aline Czezacki Kravutschke

Docentes: Ana Paula Araujo Fonseca e Carmen Justina Gamarra.

Reportagens:

Ana Julia Severo de Araujo, Bachelard Andy Shamy Larose, Dienne Myneva Esmeralda Clerville, Elias Josue Hernandez Zolano, Gabriella Rodrigues Martires Silva, Ilianise Exil, Isaac De Araujo Castro Vasconcelos, Jose Eduardo Chucuya Curo, Juliamene Vilfort, Larissa Xavier de Miranda, Leidy Katherine Vega Mahecha, Lounandjina Joseph, Louveda Markaelle Fleurant, Luis Ignacio Martinez Segura, Magdalina Vilamar, Marie Claudine Nozil, Vitoria Barbosa de Souza Nimia.

Participe da Gazeta você também!

Aqui, leitora e leitor vilacezenses, vocês terão um espaço para também participar dessa construção. Os editoriais são construídos por moradores do bairro, profissionais de saúde, professores de CMEI, Ensino fundamental e médio, unileiros da Vila C. Se você acha que um tema precisa ser introduzido, mais discutido, elogiado, criticado etc, envie mensagens para o nosso e-mail que a nossa equipe prontamente entrará em contato. Seja um colaborador!

Queremos um jornal comunitário, porta-voz da Vila C!

Dúvidas, críticas, sugestões de matérias?

Fale com a gente!

gazetapopulardasaude@gmail.com

Em breve a Gazeta estará também em versão eletrônica!



Momento de confraternização: estudantes e professoras de Práticas Interdisciplinares III com moradoras da Vila C

Madeirão e Madeirinha

Moradores contam um pouco sobre as antigas Unidades de Saúde que atendiam a população no tempo da construção da Vila C.

Toda História narrada por pessoas mostra o encontro entre as vidas particulares, privadas, dessas pessoas e das suas famílias, e o contexto mais geral. Mas quando se trata de saúde, a impressão que se tem é a de um vínculo mais forte ainda. Se queremos, aqui, contar sobre as estruturas, as formas, os problemas do atendimento à saúde das pessoas que moram na Vila C, desde a criação do bairro até hoje, o que mais vai aparecer com grande destaque, são justamente elas – as pessoas. E as suas histórias. E – quem diria? – é uma história de... madeira! Madeira? Sim! Vamos ver, então!

Todas as pessoas, ou quase, lembram dela, aliás, deles. Como dona Maria Alice: “O Madeirinha era na vila A e o Madeirão era aqui, onde já tem o posto de saúde. Era de madeira né, mas parece que pegou fogo depois que foi acabando a obra, aí eles construíram de material. Mas a gente ia lá, mulher que tinha que ganhar neném, já consultava ali e a ambulância já levava pra Vila A. Não ganhava neném aqui não”.

Mais detalhes? Com dona Natércia: “A UBS era o hospital da Itaipu, Madeirão, se chamava, porque o Madeirinha era lá na Vila A e o Madeirão era aqui na Vila C. Aí a UBS de agora era esse Madeirão, só que era muito mais novo, muito mais equipado, realmente era um hospital! Eu me lembro de me vacinar lá, todas as minhas vacinas foram feitas lá, atendimento médico, exames que a gente precisava, era tudo aqui na vila C. Também seu Edson lembra bem: “Tinha ali onde é o posto de saúde, do lado ali era um hospital, era chamado de Madeirão, e lá na Vila A tinha o mesmo hospital só que era chamado de Madeirinha. Coisas da época! Então era muito bom, tinha tudo, a gente não precisava sair daqui. Tinha dentista, clínico geral, médico pra todas as áreas, então nesse ponto a Vila C realmente era uma ilha, a gente não precisava muito ir pro centro”.



Edson Alencar Farias

“Tinha ali onde é o posto de saúde, do lado ali era um hospital, era chamado de Madeirão, e lá na Vila A tinha o mesmo hospital só que era chamado de Madeirinha.

Coisas da época!”

E dona Matilde: “Era no Madeirão que a gente se consultava. A Santa Casa atendia as pessoas que tinham dinheiro para pagar o particular e os que não tinham dinheiro, era como se fosse um SUS, e também não pagava nada. O particular existia lá dentro da Santa Casa que era caro igual um hospital particular hoje. Mas nós, e os funcionários de Itaipu chegávamos lá e éramos muito bem atendidos. Você tinha o número, tinha os cartões, tudo era da Itaipu. Tinha a carteirinha. Era Madeirão aqui perto do postinho da Vila C e Madeirinha lá na Vila A. Eu tenho saudade de dizer aos

filhos que qualquer coisinha que tinha lá era o melhor atendimento, os melhores médicos”. E dona Suzinei reforça: “É. E daí quando você ia para fazer consultas ia pra cá, no da Vila C e quando você sentia que a doença era mais grave e que precisava ser internado ia para o que ficava na Santa Casa. Eu tenho saudade, hoje, da carteirinha da Itaipu, porque você ia no hospital e era bem tratada, e não precisava pagar nada e ainda quando precisava comprar algum remédio por exemplo, você comprava esse remédio e a Itaipu repõe”.

Não tem jeito: quando se sente saudade é porque era bom mesmo, não é? E a comparação com o presente é um pouco desanimadora, às vezes.

Dona Suzinei continua: “Naquela época você ficava doente e ia lá, já era atendido, nem voltava pra casa e agora deu essa relaxada, agora são muitas pessoas para pouco hospital e para pouco médico. O atendimento ali no postinho antigamente era assim, o médico era manhã e tarde. Agora eu moro na rua Curitiba, mas só vão me atender à tarde. Se eu estiver mal de manhã, por que ele vai me atender só a tarde? Ou só vão me atender no mês que vem, não é justo isso. E agente de saúde não existe mais não. Não passa mais não. Na minha rua pelo menos não passa. Lá na minha rua nunca mais passou. Passa quando tem pessoas hipertensas, diabéticas. Ana Caroline Gomes Stefanelli nos convida a olhar para frente: “precisa de coisas novas, assim de manter mais a saúde até mesmo pelos profissionais, porque eles cansam, né? Às vezes não têm nem vida, só trabalham lá, para poder dar conta da demanda”.

E o reforço de dona Matilde é para a Gazeta: “Vocês vão colocar num jornal, e é bom por isso vamos falar coisa que é não fake né?”

As origens do bairro

Diferentes relatos sobre o surgimento da Vila C, contados pelos moradores que participaram da construção desse lugar.

Foz do Iguaçu: por um lado, uma cidade especial, com algo que só ela tem – as Cataratas, Itaipu, as pontes e as fronteiras. Por outro lado, ela é uma cidade como qualquer outra, com uma história, que é ao mesmo tempo a história da sua formação e a história das pessoas, mulheres e homens, que formaram a cidade, os seus bairros, a sua vida. Aqui, queremos dirigir a nossa atenção justamente para essa parte da história e, mais em particular, para a história de uma das comunidades mais importantes da cidade: a Vila C Velha. Assim, o que queremos, aqui, é contar uma história – aliás, uma História, com H maiúsculo, por respeito a todas as pessoas que contribuíram para ela. Mas quem vai contar essa História? Elas, essas pessoas, justamente! Algumas delas, pelo menos.

Tudo tem um início, e para a nossa história não ia ser diferente. Como nos conta dona Matilde C. Wurmeister: “Nós tínhamos roça, umas vaquinhas, porcos, essas coisas. Depois que meu pai morreu, vieram umas pessoas pra fazer uma medição, depois o asfalto da 277, a Ponte da Amizade. E como a nossa casa era muito perto ali da BR, eles escolheram outro lugar bem mais perto daquele trevo lá pra cima. Nós fomos pra lá e daí moramos, eu tinha uns quinze quando começou a vila A. A Itaipu já tinha começado a construção das casas aqui. Eu estava até conversando com meu marido, ele diz que a vila C tem quarenta e cinco anos. E eu acho que é mais ou menos isso, porque a minha filha mais velha tem quarenta e cinco anos. Essas casas eram feias, as estradinhas eram só poeira. Quando passava o carro você via só a poeira, nem via as casas. Falei assim ‘mãe do céu, se um dia eu precisar vir morar nessas casas e tiver que sair nunca vou conseguir chegar, não vou saber qual é a minha casa’, porque as casas de barracão eram todas iguais”.

E dona Suzinei José Leandro, amiga de Matilde, também conta: “A usina trouxe bastante família, vinham de todos os estados do Brasil, aí eles ficaram alojados lá dentro. Foram surgindo as casas aqui, e quem tinha família e quisesse buscá-la a empresa dava passagem de ônibus e caminhão de mudança tudo custeado. Conforme vinham os homens trabalhadores para dentro da usina eles iam aumentando as ruas e os pavilhões”.

E as casas, e as histórias nas casas... Vamos ouvir as lembranças de dona Maria Alice: “É, minha irmã veio pra cá acho que em 76, 77, ela morava no Rio de Janeiro. E eu vim acho que dali um ano, dois anos. Ai já era casa nova que fizeram junto com a Vila C Nova, já era umas casas diferentes, as paredes são tudo mais altas em cima a separação e pra cá não era, era tudo reta as paredes, ouvia o barulho de todas as casas e minha irmã tava tomando banho, o vizinho ergueu



o isopor pra ver ela no banheiro, foi mandado embora porque tinha segurança aqui. Tinha um posto com os guardas da Itaipu, tinha uma prefeitura, depois acabou tudo”.

E entre as casas? Como circulavam por lá os primeiros moradores? Vamos ouvir ainda dona Maria Alice: “Vieram do Brasil inteiro né, eu sou de São Paulo, mas a gente conheceu todo mundo, todos os vizinhos, a maioria era do Paraná né, que era mais perto, mas veio gente de todo lugar. Muita gente vinha, aí ia embora, não gostava porque a Vila era muito barro, era difícil pra morar aqui antes do asfalto porque só tinha asfalto na entrada, onde passava o Papa-Fila, ele ia até o final da Vila Nova, na caixa d’água. Era igual ônibus, mas não tinha banco, todo mundo ia em pé.

Quem viajava nesses Papa Fila eram mais os empregados que trabalhavam no serviço pesado, quem trabalhava no laboratório igual o meu marido, ele era fichado numa empresa e requisitado pela Itaipu, aí vinha um ônibus pegar, trazia pra almoçar, voltava. Mas o Papa-Fila só vinha cedo e à noite”.

Leticia Acosta Porto / Ecomuseu de Itaipu



Que interessante esse Papa Fila! Dona Suzinei também lembra bem dele: “Era tipo um caminhão gigante. Como o meu pai é pernambucano ele era muito bravo, né? Só que ele não batia, não. Quando ele chegava, às seis horas da tarde, nós tínhamos que estar dentro de casa, nós, mulheres, tomada banho e sentada no sofá.

Aí quando a gente via o Papa-fila chegando! Era um caminhão gigante, cabia uns quinhentos homens né? Daí falava assim: ‘Papa-fila está chegando!’ Nós só danava pro banheiro tomar banho, pro meu pai chegar nós já estar tomando banho. Até sair todos os homens, eram quinhentos homens”.

Leticia Acosta Porto / Ecomuseu de Itaipu



Dona Natércia também conta a sua parte dessa História: “Então, na verdade assim, o que eu sei aqui é que a Vila C surgiu pela necessidade da Itaipu oferecer moradia para os barrageiros. Foi assim com meu pai, ele veio para cá trabalhar, ficou um tempo aqui, depois quando dispuseram da casa, ele pôde nos trazer e a gente veio. Esse bairro foi criado pela Itaipu para os barrageiros poderem viver com suas famílias aqui. Foi importante porque pôde haver essa união das famílias, os trabalhadores trazer suas famílias para estarem junto com eles.

Bons tempos, então, aqueles, não é, dona Antônia M. Zanella? Ontem e hoje! “E nesse tempo ela era toda estruturada por Itaipu, era Itaipu que mantinha, tanto que a gente não pagava água, não pagava luz, não pagava nada, a gente simplesmente morava aqui e Itaipu comandava na época, tinha segurança, tudo que tínhamos aqui era tudo em função de Itaipu. Então foi um tempo muito bom porque veio muita gente que buscava emprego e que encontrava emprego, a casa, só que essa vila também era e a vila dos trabalhadores dos que trabalhavam mais pesado em Itaipu. Eram os trabalhadores mais humildes. Eu acho que hoje bastante moradores aqui conservam essa forma, nós somos um pouco menores, foi uma vila montada tanto que na época eles chamavam essa vila aqui de ‘Favela Branca’, todas as casas eram iguais hoje mudou muito, mas na época as casas eram todas iguais. Então tinha aquela visão: aqui era ‘Favela Branca’, depois ela se tornou um bairro comum porque as pessoas tinham adquirido as casas na parte de Itaipu. A Vila C hoje é importante porque ela acabou sendo uma vila que acolhe também, vem muita gente de fora hoje se tornou um espaço importante para nosso município, para Foz do Iguaçu, porque é grande e tem muitos moradores”.

“A união faz a força”, dizem, não é? E parece que uma das forças da Vila C, desde o começo, foi a sua união. A união das pesso-

as que fizeram a Vila e que têm feito a sua história. É bem disso que fala dona Maria Teresa dos Santos Tibes: “Entre os vizinhos tem uma união, um laço entre a comunidade e os moradores. Se não tivesse essa união a vila C não teria sido construída, então essa união quem teve na realidade foi a Itaipu, que foram os próprios barrageiros que construíram a vila C. É um projeto meio doido lá que surgiu, então essas casas vão abrigar esses barrageiros, por um certo tempo, mas agora abriga moradores que nem conhecem a história da vila C, morando aqui. Acho que desde o começo tinha uma boa relação no começo porque ninguém se conhecia, se não tivesse essa união nunca seria construído o bairro”.

Assim, além de quem veio para Foz, lá atrás, e viu ou participou do surgimento da comunidade, também queremos ouvir a voz de quem já nasceu aqui, quando a Vila C já existia. Como Jéssica, que reconhece o valor histórico da Vila C, ainda hoje, claro: “Eu sou nova, eu nasci aqui na Vila C, e pelo que eu conheço da história, até por trabalhos que eu fiz pra minha formação acadêmica, a Vila C surgiu pela necessidade de se ter um local para os operários da construção da Usina de Itaipu morarem e trazerem suas famílias. Até então eles ficavam num alojamento e após o início, uma boa parte da construção civil, a necessidade de poder melhorar um pouco a vida desses trabalhadores, e daí surgiu a ideia de construir um bairro para esses operários. Então a Vila C surgiu nessa necessidade de poder dar uma qualidade de vida melhor pra esses funcionários, pra que eles pudessem trazer as suas famílias também pra morarem aqui, e também pra ter mais mão de obra, consequentemente esses moradores vinham, tinham uma mulher, essa mulher também trabalhava na Usina. Então foi uma rede que foi construindo através da construção da Itaipu”.

Leticia Acosta Porto / Ecomuseu de Itaipu



Moral da “História”? A Vila C surgiu para os trabalhadores, quase como um “presente” de Itaipu, mas foram esses trabalhadores que fizeram Itaipu! Que coisa interessante, essa troca... Assim, nesta Gazeta vamos tentar fazer igual: vão ser as pessoas que moram e trabalham na Vila C que vão “fazer” ela.

Daqui não saio, daqui ninguém me tira!

O que é “viver bem”? Viver bem em um lugar? Talvez, nessa questão, cada cabeça seja uma sentença, como diz o ditado! Mas, se a pergunta é sobre a Vila C, então até parece que as pessoas concordem... Muito sossego, muita união entre as pessoas, uma infraestrutura que atende quase todas as necessidades de uma comunidade que está, naturalmente, sempre em movimento e em transformação.

Jéssica, que nasceu na Vila, é bem clara: “Olha, eu não me vejo saindo da Vila C! É um bairro longe dos demais, mas eu não me vejo saindo daqui, pela qualidade de vida que o bairro tem, pela questão de vizinhança, todo mundo se conhece, todo mundo tem um ponto de referência de alguma coisa, pelo que a comunidade oferece, por exemplo, um centro igual ao nosso Conselho Comunitário, você não tem outro lugar, com atendimento de criança em outros bairros é difícil você ter, você ter um agente de saúde que você conhece, que está com seu vizinho, que está sempre ali com você, então são pequenas coisas que fazem a qualidade de vida aumentar muito né, então eu não me vejo saindo da Vila C por causa disso”.

Já dona Matilde enfatiza o lado humano da convivência no bairro: “A gente não tem o que reclamar, um vizinho lava a mão do outro. Eu acolho um vizinho, então quando um viaja o outro fica cuidando da casa né? Na minha quadra pelo menos e meio que todo mundo é desse jeito. E o parquinho pra a criançada tem...”

E são essas pessoas que fizeram a Vila C que agora também têm a tarefa de mantê-la forte, como diz dona Antônia: “A Vila C hoje ela é importante como tudo porque ela acabou sendo uma vila que acolhe também, vem muita gente de fora e hoje ela se tornou um espaço importante para nosso município, para Foz do Iguaçu, porque ela é grande, tem muitos moradores. Eu acho importante esse desenvolvimento nosso que estamos buscando: hoje não é mais uma



Da esquerda para a direita: Maria Alice Marquette Maurício, Maria Tereza dos Santos Tibes, Suzinei José Leandro, Antônia M. Zanella, Jessica Driele Rossetti, Ana Caroline Gomes Stefanelli, Joana D’Arc Gomes da Silva e Matilde Wurmeister.

vila dependente de Itaipu, mas do próprio povo, das próprias pessoas que estão aqui. Eu acho que é um lugar importante para Foz do Iguaçu, também. A Vila C Velha é um bairro tranquilo e que tem muitos moradores, famílias e calmo. Aqui temos tudo que alguém pode precisar: ponto de ônibus próximo, mercado, escolas, lanchonetes, parque etc... E não se esqueça que as casas são mais baratas aqui: essa é a vantagem para quem não tem muito dinheiro e também para os estudantes mais precisamente os estrangeiros que vem para Foz do Iguaçu para estudar na UNILA”.

Nem tudo é perfeito, mas... Dona Maria Teresa se ressentiu de algumas coisas: “A única coisa ruim que eu acho da Vila C é que não tem um banco e uma lotérica, é só isso. O resto pra mim está tudo ótimo,

sabe? Eu amo mesmo, eu amo morar na Vila. Inclusive, meu esposo fala né, “vamos vender aqui e vamos nos mudar pro centro”, eu falo: “de jeito nenhum!”, porque a tranquilidade aqui é grande, eu chego de noite e é tranquilo. Hoje tem umas musicinhas lá, mas não é nada que impede de você ficar tranquila”.

E a caçula da turma, Jéssica, conclui: “Aonde eu vou eu falo que eu sou da Vila C, as minhas coordenadoras falam assim: ‘Eu nunca vi alguém com tanto orgulho de morar num lugar igual você’. Eu amo meu bairro e eu tento todo dia no meu trabalho fazer o melhor para o meu bairro, porque aqui é a minha comunidade, aqui é onde eu nasci, aqui eu pretendo criar meus filhos, aqui eu pretendo formar a minha família!”.



Reprodução livre / Freepik

Viver, comer, lembrar

Cozinhar, preparar um alimento é uma arte, dizem, não é mesmo? É uma arte que tem a ver com mistura: misturamos ingredientes, cores e, depois, sabores e emoções, lembranças também. E quando se misturam pessoas, como é o caso da Vila C? Ah, então, é um prato cheio! Vamos sentir um pouco do cheiro e do gostinho das comidas da Vila?

Dona Suzinei não pode deixar de lembrar: “A gente tinha os costumes de comer do pernambucano: arroz, muito feijão, carne cozida com batata, não é? Frango com batata!”. Mas a sua vizinha, dona Matilde vem de outro lugar e, assim... “Eu já era daqui, minha descendência é argentina, então, eu já cresci comendo feijão, arroz, carne. E como era fronteira, minha avó atravessava muito e a gente comprava mais barato na Argentina. Não tinha a ponte ainda, era balsa. Comprava muita farinha, macarrão, aquele queijo enlatado, queijo prato ou cheddar era em latas de dois quilos. A gente abria e pegava uma colherada de queijo, minha mãe falava que a gente ia comer tudo de uma vez, ainda tenho saudade! Então são esses os costumes daqui mesmo já”.

Que lembrança gostosa! Mas tem outras histórias e dimensões que se misturam, como conta dona Antônia M. Zanella: “Meus hábitos são normais do nosso Paraná, que é arroz, feijão, salada, verdura, carne, essas coisas naturais. Mas a alimentação mudou bastante, antigamente talvez a gente fosse um pouco mais naturalista principalmente as crianças, hoje eu conservo um pouco meus hábitos de alimentação, mais hoje você vê que as crianças, mesmo que tenham aprendido a comer arroz, feijão, macarrão, coisas bem naturais de antigamente, hoje elas gostam mais de hambúrguer, x-salada. Então nesse sentido mudaram bastante os hábitos alimentares, crianças comerem mais chips do que comida”. Dona Natércia tem a mesma opinião: “Eu creio que não, antigamente a gente era mais aquela comidinha caseira né? Comia em casa, não tinha mesmo como ser diferente, porque a Vila C era muito longe do centro da cidade, não tinha tanta

coisa assim que a gente pudesse sair para comer toda noite. Hoje em dia, eu observo que é mais fast food, as pessoas não se alimentam tanto em casa, é tudo aquilo mais corrido, né? Eu mesma, eu trabalho o dia inteiro, então eu pego marmita, quase não cozinho. Quando eu estou em casa, eu pego marmita também para não cozinhar; e a noite geralmente não é mais janta, que era aquela coisa da família sentar na hora do almoço, sentar na hora da janta, agora não... é lanche rápido também, então eu acho que teve uma mudança bem grande de antes para agora.

Mais mistura! Que venha, então! Não é, dona Maria Teresa? “É tudo misturado, acredito que é um bairro que abrange gente diferente, alimentação também. Por exemplo, eu amo comida árabe, mas não quer dizer que seja a minha favorita, então tem muito essa mistura; cada um traz sua cultura e nós nos vamos adaptando na cultura de cada um de nós tanto que um passa a nossa cultura para os outros”.

Gazeta Popular da Saúde



Dona Antônia M. Zanella



Conheça Joana D'Arc Gomes da Silva, Agente Comunitária de Saúde da UBS da Cidade Nova, profunda conhecedora da Vila e da sua gente.

Minha vinda para Foz do Iguaçu foi por conta da construção da usina. Vieram pessoas de outros estados para trabalhar aqui, de outras cidades do Paraná também. Meu pai é um desses barrageiros, ele participou na construção da usina. E nós viemos pra cá, ele veio primeiro, aí depois veio a família. Casei, separei, tenho 2 filhas.

A Vila. Em relação à estrutura do bairro, era terra. Tinha um caminho que passava e molhava porque tinha muita poeira. Hoje o bairro anda por si só, né? A gente está crescendo em nível de comércio. A escola do município, daí tem a escola estadual também. A Itaipu ainda ajuda bastante, a UBS teve investimento da Itaipu também. A princípio ia ser no Pronto Socorro, só que foi criado e se tornou UBS que trabalha com o PSF. E aqui, falando por mim, é um bairro que eu gosto muito. Nós nos conhecemos todos. As pessoas se conhecem, têm um grau de amizade, de companheirismo.

Boas lembranças. Os meus pais tomavam café da manhã na usina, almoçavam lá e sempre traziam um lanchinho para a gente. Na época, no Dia das Crianças, a usina dava brinquedo, e a gente fazia uma fila enorme. Então tudo era motivo de festa. Foram momentos bem marcantes e maravilhosos na infância. E as festas assim eram praticamente da Itaipu, tinha festa junina, né? E daí nas escolas a gente ensaiava a quadrilha, dançava, enchia as barracas, aí tinha o Conselho Comunitário que era bem na divisória da vila, na verdade da Vila C Velha e da Vila C Nova. Então, ali no meio, o centro comunitário que dava cursos: informática, vôlei, basquete, cada um dentro da sua

vocação, fazia para prática escolar, aprender a cozinhar. E nos finais de semana tinha discoteca, que hoje em dia vocês chamam de danceteria. Então nos sábados e domingos tinha essas atividades de vôlei, campeonato de vôlei, campeonato de futebol. E tinha espetáculos, espetáculos de dança. Fazia concurso para ver quem ganhava. Tinha música também pra quem tocava violão e afins. E sempre com alguma atividade de lazer nessa gente poder, além de estudar essas atividades ali dentro do Conselho.

A comida. O pessoal tinha o hábito de criar galinha nos quintais. Aí a gente via a galinha, o frango, ele demorava seis a sete meses para a gente poder comer, a gente via todo o processo dele e hoje em dia não, em questão de dois a três meses o frango já tá ali na sua mesa. Então a alimentação ficou bem deficiente. Todo mundo tinha horta, nós tínhamos horta, então a gente pegava ali da horta. No centro comunitário também Tinha horta comunitária. A gente aprendia a fazer aqui na escola Arnaldo Isidoro, no centro de convivência Arnaldo Isidoro, os meninos faziam técnicas agrícolas e as meninas aprendiam a fazer crochê, tricô a cozinhar, as práticas do lar, por isso que nós aprendíamos e podíamos levar pra casa também.

A saúde. Ali na UBS, era o antigo Madeirão. Vocês vão ouvir falar bastante do antigo Madeirão. Tinha o médico pra quem não tinha condições, aí a gente chegava e tinha toda a estrutura, médicos, enfermeiros, não tinha o agente de saúde naquela época, aí a gente chegava lá e consultava. Aí depois veio a estrutura e se derrubou aquele espaço que era de convívio e se construiu uma UBS.

Em resumo... Aqui é um bairro tranquilo, porque a gente tem tudo aqui, né? Tem escola, tem CMEI, tem Conselho. Tem muitos cursos. E a gente tem um UBS, tem supermercado, tem farmácia. Então é um bairro bem estruturado, está praticamente todo asfaltado. Um outro local, que não é asfaltado, tem o transporte coletivo. Tudo que se faz necessário dentro do bairro. A única coisa que está faltando é melhorar o transporte coletivo e a gente não tem uma casa lotérica nem um banco.